Sentido e técnica de missões culturais

Agostinho da Silva [1]

Nenhuma atividade educacional, seja qual for o fator em que ela se exerce, oferece qualquer espécie de segurança para o futuro ou merece qualquer grau de confiança sem que esteja solidamente alicerçada num conjunto de pensamento filosófico e perfeitamente concatenado com todos os dados de realidade atual ou de planejamento oferecido pelo conjunto das circunstâncias contemporâneas.

Bastará citar o que acontece atualmente com a crise e revisão do Sistema Educacional dos Estados Unidos para se ver quanto de verdade pode conter esta afirmação. No que respeita ao Brasil, o assunto pode ainda oferecer aspectos mais dignos de consideração se olharmos o conjunto dos acontecimentos mundiais e nos interrogarmos sobre qual o papel que o nosso país tem que desempenhar dentro dele na sua fase atual e principalmente nos seus aspectos futuros. Efetivamente, qualquer que seja o ponto de vista pelo qual se olhe a situação atual do mundo, não há que negar a crise da civilização a que se poderia chamar europeia e que, hoje, maciçamente se espalhou pelas regiões setentrionais do continente asiático e do continente americano e me rede mais tênue domina de algum modo o restante do mundo.

A civilização europeia foi essencialmente uma civilização construída tendo em vista a capacidade de domínio e eficiência de fabricação; foi ela no seu conjunto que forneceu a base necessária para que se estabelecessem os últimos progressos técnicos e aqueles que cada vez mais rapidamente se vão suceder; o que acontece, porém, é que, ao passo que esta civilização está tendo como seu fruto uma brilhante afirmação de caráter técnico, mecânico, ela está revelando a mais alta das falências no que se refere a segurança e a riqueza espiritual do homem; Poderíamos dizer, numa fórmula de, resumo, que a civilização europeia ganhou o mundo e perdeu a alma.

É certo, no entanto que não vale a pena levantar e verificar problemas para apenas os levantar e para apenas os verificar; o espírito é mais poderoso do que as limitações que as circunstâncias lhe podem impor; e cabe, principalmente, ao educador equacionar os problemas, para os resolver e propor aos homens da ação os objetivos que haverá a atingir. E é fora de dúvida que tem o homem que se desprender dos laços que a si mesmo armou, sem que tal tivesse sido a sua intenção: porque aquilo que ele realmente desejava e está a ponto de atingir é aquela segurança contra as fatalidades físicas que lhe permitirá uma afirmação plena das capacidades infinitas de seu espírito.

Ora, percorrendo todos os agrupamentos humanos do mundo, verifica-se que todos eles, ou porque participaram ativamente das construções da civilização europeia ou porque a aceitaram em dose que impediu qualquer possibilidade de reação não estão em condições de poder pensar e realizar as bases de uta cultura nova. Acontece, no entanto, que o Brasil, pelas condições especiais de sua formação, pelas condições de sua natureza e posição geográfica e pelo relativo alheiamento em que se manteve de responsabilidades na construção da cultura europeia pode ser olhado como base como plataforma de

[1] Diretoria e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina.

lançamento de uma nova cultura do mundo. Quer isto dizer que o Brasil tem muito menos que se interessar pelas atuais disputas que dividem o mundo, tem muito menos que se interessar por incluir no seu patrimônio as técnicas de vida que o europeu criou, do que meditar sobre as suas possibilidades e fazer desde já todos os planos necessários para que possa um dia aparecer como esperança e como guia de um mundo novo.

Resta-nos naturalmente tentar imaginar em que direção nova poderá correr o mundo; verificar se temos no Brasil alguma coisa que corresponda a esse madrugar de uma nova humanidade; e finalmente estabelecer quais as linhas mestras de um procedimento educativo, no caso presente restrito a adolescentes e adultos, que possa preparar o Brasil para sua grande tarefa e possa lançar no mundo a consciência de que existe um caminho de salvação e de que a humanidade vai superar mais uma vez as dificuldades que a ameaçam.

Esse caminho é simples, por ventura mais simples de todos que até hoje os homens tiveram de percorrer: necessita apenas que tenhamos fé na capacidade criadora do espírito humano, até hoje tão mal aproveitado, Efetivamente, numa primeira Época de sua vida coletiva, o homem teve que se adaptar as condições naturais do meio ambiente, o que significou uma soma de sacrifícios e restrições que no entanto não alterou em muito aquela natural fraternidade humana que tantos se empenham em negar; numa segunde fase, aquela em que nos encontramos, o grande esforço tem sido o de eliminar as fatalidades físicas os grandes criadores na ciência, na arte e no pensamento filosófico e religioso têm sido, de certo modo, sob um ponto de vista estritamente social, corpos estranhos que a humanidade só plenamente aceita quando há muito desapareceram da terra.

Pois bem: chegou agora, pela libertação das pressões econômicas e físicas, a época de dar plena liberdade àquilo que dentro de cada homem é criado em cada um dos domínios que se apontaram; tem que se aceitar a ideia de que o gênio de invento não é apanágio de raros seres, mas por ventura uma característica comum na raça humana; e temos que encarar a formação de uma cultura em que o essencial não seja como na nossa, como naquela que se encontra em decadência, o saber por ter aprendido e a utilidade do que se sabe; o novo tipo de cultura que temos de construir e que o Brasil tem de lançar no mundo é a cultura de descobrir e inventar o que ainda se não sabe e substituir o critério da utilidade pelo critério da beleza, da liberdade e da absoluta novidade da fantasia criadora.

Não creio, por conseguinte, que tenha grande utilidade para a cultura humana e que corresponda à missão do Brasil quanto ao mundo futuro qualquer trabalho de educação de adolescentes e adultos que repouse fundamentalmente em que aprender o que já sabe, isto é, em adquirir uma erudição mais ou menos extensa, tomando-se como essenciais para tal fim as habilidades de ler, de escrever e de contar.

Estamos seguros de que a educação do povo brasileiro, nas camadas que por qualquer circunstância não forem atingidas pela escola e, mais tarde, no próprio sistema escolar, deve ser dirigida no sentido de elevar ao máximo as possibilidades no espírito criador que até hoje se manifestaram sobretudo no plano medíocre da improvisação, mas que são capazes quando em circunstâncias favoráveis, de fazer que obtenham triunfos duradouros as crianças de Escolinhas de Arte e que a arquitetura brasileira tenha tido dois momentos criadores tão notáveis como o século XVIII e a época atual.

Em primeiro lugar, tem de se reconhecer que para o triunfo do espírito são necessárias duas condições; a de que haja segurança econômica e a de que o indivíduo se sinta amparado pela comunidade sem cair no desespero do isolamento e do medo da vida;

deixando este segundo ponto para depois, diremos, quanto ao primeiro, que as grandes reformas econômicas ou os grandes melhoramentos técnicos superam o domínio do educando como educando, isto é, são tarefas da alta política e da alta administração. O indivíduo tem apenas que entender o que se está fazendo quando se monta uma granja experimental ou quando se constrói uma barragem ou quando o exortam a entrar numa cooperativa e, por outro lado, tem de ser educado para que se recuse a toda a fórmula de libertação econômica que, incluindo tipos totalitários de administração vá exatamente contra o único objetivo a que o progresso econômico deve atender: o da libertação do espírito.

Há, no entanto, outro aspecto de economia que já reside na esfera do indivíduo e em que por outro lado se poderão afirmar qualidades de personalidade criadora. Efetivamente, e ao contrário do que se tem pensado ,a grande indústria, a concentração maciça das fabricações, e aqui tanto se põe a manufatura com a intensiva plantação agrícola, deixarão campo inteiramente livre, pelo progresso da automação, para que reapareça e se afirme o que na Idade Média foi apenas esboço e no futuro se poderá desenvolver plenamente as atividades de caráter artesanal em que a marca do indivíduo é inteiramente possível e desejável, e que poderão, ao mesmo tempo satisfazer a necessidade de marca pessoal no mundo e melhorar ou substituir, enquanto não forem plenamente eficientes, os grandes enquadramentos econômicos.

Finalmente, deverá dar-se especial atenção a um saber que não seja dirigido para a eficiência e o domínio, que não seja voltado para o poder, mas que todo seja dirigido no sentido da contemplação e do amor. O povo brasileiro deverá estudar história ou física ou zoologia, não com a ideia de que por ai ficará economicamente mais poderoso, mas com a ideia de que, na medida em que entender melhor uma civilização ou a queda dos corpos ou o funcionamento do sistema nervoso dos insetos, ganhou possibilidades de entender a grandeza e a eterna fantasia da criação e de, por aí, estabelecer tranquilidade interior; de, por aí, juntamente com um entendimento do serviço geral dos homens e a consciência da sua própria capacidade criadora, conseguir o que pudemos como essencial para homens de futuro: salvar a sua alma.

Só em último lugar e só como instrumento destinado a aquisição de novos informes sobre aquilo em que já estivesse profundamente interessado poríamos as técnicas do ler, do escrever e do contar; parece-nos que neste campo de adolescentes e adultos é um erro completo, como sucede no que respeita a crianças, começar por ensinar a ler, a escrever e a contar quem não tem interesse algum em ler, escrever e contar coisa nenhuma; o escrever, antes do ler, e o contar só deveriam vir quando já existisse o interesse por uma narrativa, por um livro ou por uma matemática; se me é permitido citar um caso pessoal, foi só por este motivo que eu consegui, em algumas horas, ensinar as quatro operações a boiadeiros de Minas e, em menos de oito dias, ensinar a ler camponeses que, para se converter a uma determinada seita protestante, tinham de provar que sabiam ler a Bíblia; e isto não utilizando qualquer método especial mas deixando apenas que fosse a experiência, o interesse deles a força propulsora.

Para que uma tal tarefa se possa realizar plenamente dando ao mesmo tempo à população a ideia, que me parece essencial, de que não está desamparada, de que alguém está cuidando dela, é necessário fazer que todo o trabelho gire a volta da Missão Cultural, num centro de comunidade. A ideia fundamental é a de que em cada núcleo importante de

população, ou colocado de modo a poder servir vários núcleos muito próximos uns dos outros, exista um local com o possível conforto em que as pessoas possam satisfazer a necessidade fundamental do ser humano, que é a de encontrar outros seres humanos num ambiente que ofereça o mínimo de dignidade e de capacidade de convívio. Até agora, em muitos países, de condições sociais semelhantes do Brasil, essa tarefa tem sido desempenhada pela taberna e pela venda: os homens vão a esses lugares muito menos para beber do que para se encontrarem e em grande parte das vezes senão no maior, se bebe, é ainda porque não tem nenhuma outra ocupação possível e porque a sua vida não inclui nenhuma espécie de esperança nem de confiança.

Um Centro de Comunidade, que poderia ser instalado mesmo numa cabana de taipa e sapé, daria as possibilidades da reunião para conversa, para jogos, para leitura, para palestras, para cessões de música ou de cinema e para centro de ensino de grupos volantes que chegassem para, em cursos intensivos, inculcar o gosto de especialidades artesanais ou de pequena economia, que seriam sempre as mais variadas possível, para que cada indivíduo pudesse, por um lado, encontrar a sua ocupação favorita e, por outro lado, acumular especialidades, provando a si mesmo e aos outros que o espirito do homem tem muito mais capacidade de ser vário do que aquilo que levou a crer uma civilização fundada sobre trabalho cada vez mais especializado.

À frente de cada um desses Centros de Comunidade estaria uma pessoa, de preferência um casal, da própria localidade ou dos arredores, que mantivesse o local em ordem e prestasse os serviços de coletividade lhe fossem possíveis por exemplo: manutenção de uma biblioteca com empréstimo domiciliar, manutenção de uma oficina coletiva de trabalho, despistamento de doenças, etc., e ao mesmo tempo levasse os residentes a colaborar ativamente com os grupos volantes, os grupos de trabalho profissional ou voluntários que chegassem pare um trabalho de melhoramento das condições da localidade (por exemplo: fornecimento de água, construção de esgotos, reparação ou construção de pontes, reparação de edifício escolar, florestamento ou reflorestamento).

Estas Missões Culturais que iriam renovar seus conhecimentos ou cursos intensivos de Centros d Núcleos Preparatórios, manteriam estreito contacto entre si, de modo a, o mais possível, planejarem o trabalho de uma região, e seriam os agentes da movimentação ligados a organismos centrais cujo trabalho consistiria em grande parte no envio de exposições, bibliotecas, discotecas circulantes, cursos encarregados de um certo circuito, etc.

É necessário não esquecer que o objetivo essencial da Missão Cultural e do Centro de Comunidade não seria o de eficiência técnica, mas o de manter um nível de interesse coletivo, de entusiasmo, de confiança necessária para que realmente o resultado fosse o do aparecimento dos tipos humanos que o futuro exige. Por outro lado, tem de se acentuar que, embora dois dos objetivos essenciais tenham que ser o de aumentar a capacidade de cada um naquilo em que ele é homem religioso e homem político, isto é, homem de pensamento em Deus e nos seus irmãos homens, a Missão Cultural e o Centro de Comunidade deveriam estar inteiramente afastados de tudo que significasse sectarismo religioso ou partidário.

Quisera que o que foi dito fosse apenas a introdução a um relato de trabalho que se tivesse feito no Estado de Santa Catarina, em que as condições gerais econômicas, técnicas

e até geográficas, são tão favoráveis a um esforço dessa natureza, o que acontece, porém, é que só com a instalação da Diretoria de Cultura, há pouco tempo realizada, se pôde começar a pôr o assunto em termos de prática e que o que conseguimos fazer em alguns poucos meses de trabalho foi apenas a realização de vários cursos num Centro Preparatório de missões culturais, a instalação de duas missões no Morro de Mocotó, e, muito precariamente ainda, em Santo Antônio de Lisboa, estando prevista a instalação de uma outra em Conceição da Varzea; e finalmente a instalação de um campo-escola em Sado Grande. A falta de transportes a deficiência de pessoal, as dificuldades de início do empreendimento com que se luta não permitem ainda apresentar resultados que saiam da esfera do subjetivo e da afirmação, de que se não pode, no entanto, apresentar nenhuma prova objetiva, do que o nível humano das populações está gradualmente melhorando.

Cremos que se poderá continuar o caminho encetado e desejamos que o que foi escrito seja tomado apenas como pedido de que se discutem as bases do problema e seja conselhado pelos educadores presentes o nosso Serviço de Missões Culturais sobre a melhor maneira de prosseguir na sua tarefa; serão bem-vindas todas as críticas, todas as sugestões e todas as ajudas.